

I - JUSTIFICATIVA

Este relatório visa apresentar as atividades de Desenvolvimento de Comunidade e Educação Indígena, realizado pela voluntária Djacira Maia de Oliveira, junto aos índios Kaxinawá, localizados nos seringais Ocidente (margem direita do Rio Muru), Boa Vista (margens direita e esquerda do Igarapé Humaitá) e Repouso (Igarapé Iboiaçú), no município acreano de Tarauacá.

Em 1977, uma equipe de pesquisadores integrada pelo antropólogo Terri Valle de Aquino, pelo economista da Funai Vicente Luiz de Almeida e pelo topógrafo do INCRA Rutinaldo João Belfort recensearam "856 Kaxinawá morando em 121 casas, distribuídos na periferia da cidade de Tarauacá e nos rios Muru, Iboiaçú, Humaitá, Tarauacá, Jordão, Breu e Tejo. Segue abaixo um quadro discriminatório da população Kaxinawá". (1)

INDIOS KAXINAUÁ	POPULAÇÃO	CASAS
da periferia urbana	90 (10,51%)	17
do rio Muru (Iboiaçú e Humaitá)	154 (17,98%)	26
do rio Tarauacá	132 (15,42%)	17
do rio Jordão	390 (45,58%)	48
do rio Breu	80 (9,35%)	12
do rio Tejo	10 (1,16%)	1
TOTAL	856 (100%)	121

Depreende-se pela leitura do Quadro acima que a 2ª maior concentração de população Kaxinawá acha-se localizada nos Igarapés Iboiaçú e Humaitá e no Rio Muru, aqueles, afluentes deste.

Esta população está assim distribuída: "82 famílias morando em 15 casas localizadas tanto no Seringal Boa Vista, em ambas as margens do Humaitá como no Seringal Ocidente, margem direita do Muru. Ficou constatado como a segunda área de maior concentração deste grupo indígena e que estavam vivendo profundamente vinculados à vida do Seringal. E que além do "corte da seringa, eles trabalham tanto no roçado próprio como no do patrão do seringal, realizando inúmeros outros serviços para os mesmos". (2)

Nesta época, um pai de família Kaxinawá fala assim aos pesquisadores: "Patrão chama nois de caboco preguiçoso porque é ele qui anpaia o trabaio do caboco na seginga. Ele chama nois prá botá o roçado dele, pra fazê viaji pra ele, prá caçá prá ele. Nois não é prequiça cuno eles dizi. Nois vive aqui e só trabaio pros patrões. Patrão é qui ganha. Eles são larapi. Eles roubu na mercadoria qui eles vendi no -Barração-tudo muito caro. Eles também roubu no preço da borracha, roubu na balança, roubu na renda qui nós ten qui pagá prá ele. Nós aqui paga 100 quilo de borracha prá vivê aqui nesse colocação Sacado. Todo seringueiro, cariu e caboco qui corta seringa ten qui pagá a renda de ...

(1) e (2) Extraído do Relatório Sen None, pgs 07/08, apresentado pela equipe à FUNAI.

... 100 quilo pô parelha de estrada de seringa. Acabá ele só vive cum putaria de querê, mandá nóis sinbora. Nois qué nerno é un seringal pra nois vivê sossegado. Nóis qué terra prá nois vivê sossegado sen essa putaria de patrão".

Os Kaxinawá surgeriram que, nesse igarapé Humaitá, fosse também denarcada uma reserva indígena. E a equipe constatou as excelentes condições da área para a implantação de projetos de desenvolvimentos de comunidade, combinando as atividades extrativas com aquelas ligadas à subsistência, ou seja, desenvolvimento de uma pequena agricultura. Segundo a pesquisa feita, os diversos grupos espalhados pelo rio Muru, não se recusavam a viver no Humaitá desde que a FUNAI denarcasse essa reserva e substituísse sem visar lucros, o "patrão típico" da empresa seringalista.

O antropólogo Terri Valle de Aquino já com uma longa convivência com os Kaxianawá dessa região, (desde fins de setembro a dezembro de 1975; agosto a dezembro de 1976; abril a maio de 1977) requisitado pelos mesmos diante de inúmeras onossões da FUNAI, parte para um trabalho no sentido de ajudar esta população indígena.

Em fins de 1977, Vicente Sabóia, atual líder dos Kaxinawá do igarapé Humaitá, veio a Rio Branco para tratamento de saúde, e denunciou à FUNAI todas as dificuldades que estão sofrendo. E é ele quem fala em seu depoimento gravado em fita:—" Falei tudo pro chefe da FUNAI, expliquei tudo direitinho pra ele, qui ten patrão ruin aqui, qui ten cariú valente enpaiano a vida dos caboco. Ele me respondeu desse jeito: -Há! A terra de voces já tá delimitada, pega esses cariú e nata tudinho".

Vicente solicitava ao chefe da Ajudância da FUNAI em Rio Branco, um funcionário que fosse verificar "in loco" as dificuldades que ele e seu povo sofriam em decorrência do relacionamento com os cariú - (seringueiros regionais e patrões). Sob a alegação de que não havia verba para contratar pessoal e muito menos para a implantação de um posto dentro da área delimitada, a FUNAI se nega à atender o pedido de Vicente.

Nesta ocasião Vicente Sabóia estava sendo alfabetizado na casa do índio em Rio Branco, e procurou através da professora Maria da Conceição Maia de Oliveira entrar em contato com o antropólogo Terri Valle de Aquino afin de pedir que este também ajudasse as famílias Kaxi do Humaitá.

Vicente queria um crédito para comprar mercadorias e vender mais barato para seus parentes. Pedia também uma professora para ensinar o seu povo e os orientar na venda da borracha.

Em fins de junho de 1978, em atendimento a solicitação do líder Vicente Sabóia, Terri, procurou a Chefia da Ajudância da FUNAI de Rio Branco, sr. Antônio Pereira Neto, e tentou mais uma vez que este assumisse de intervir naquela área sendo a FUNAI o órgão oficialmente competente para tal desenpenho. Conseguiu apenas, que um funcionário fosse até a área, levando algumas mercadorias compradas a prazo, em nome dos próprios Kaxi, na firma Tarauacá Agropecuária S/A que ten como administrador o sr. Ludovico. Estas mercadorias deveriam ser vendidas para os Kaxi por um preço ben mais barato que no barração do "patrão",

seriam pagas com a produção de borracha dos Kaxi, vendida na cidade de Tarauacá pelo melhor preço que encontrassem.

Esta primeira tentativa de ajuda foi considerada praticamente nula, pois o funcionário da FUNAI, responsável por este primeiro contato não chegou as colocações dos Kaxi, alegando "dificuldades do rio e deixou as mercadorias e pouca quantidade de remédios na colocação de um barraqueiro (João Saldanha), de onde enviou mensagem a Vicente para que este fosse apanha-las. Vicente recebe as mercadorias e os remédios sem nenhuma orientação.

Diante da violência, dos abusos, da exploração, da total sujeição em que se encontra esse grupo, se fazia necessário uma força externa presente, pois não conseguem sozinhos romper as barreiras do sistema desumano dos serigais.

Vicente diz, se referindo ao funcionário da FUNAI e ao desempenho da transação com as mercadorias: - " Nem aqui no tapiri ele chegô. Dexô tudo no meio da viaji. Eu e meus parentes é qui funo la buscá. Nem explicô nada direito pra nois. Aí os patrão tudo botando curto merno. Dizia pros meus parentes qui essa mercadoria era a funaia qui tava dando, qui nun era pra ninguén entregá borracha pra cá não, qui eu tava enganando eles, qui a funaia tava querendo reuni os indio tudinho pra fazê guerra, qui ia soltá bomba, qui tava mandando mercadoria so pra enganá e juntá os índio, qui eu tava ajudando a funaia qui era pra num norré também. Eu até mandei dizê pro chefe da funaia. Pedi qui ele viesse aqui. Nunca ninguem veio. Acho qui si esqueceu ".

II - DESLOCAMENTO E PRIMEIROS CONTATOS COM OS INDIOS.

Em junho de 1978, Djacira Maia de Oliveira, retornava ao Estado do Acre, depois de uma temporada em Brasília, já ciente da problemática dos índios desta região, decide participar de um trabalho junto às populações indígenas, ou melhor, junto a um grupo indígena.

Em Rio Branco, entra em contato com o antropólogo Terri Valle de Aquino, que propôs sua participação num projeto de Comunidade e Educação Indígena, em fase de implantação.

Entraram em contato imediato com o chefe da Ajudancia da FUNAI no Acre, sr. Antônio Pereira Neto, afin de participar-lhe das nossas intenções, ou melhor, dos nossos objetivos, como também a área escolhida para a realização do trabalho, qual seja, a do rio Hunaitá, não fazendo o mesmo nenhuma objeção nem tão pouco colaboração.

Iniciei os preparativos para a viagem, promovendo junto ao comércio local e pessoas isoladamente, campanha no sentido de conseguir donativos para a escola, remédios e passagens até Tarauacá.

No dia 10 de agosto sai de Rio Branco com destino a Tarauacá, onde já me aguardava Terri que, nesta ocasião estava comprometido com uma pesquisa para a CETA (Comissão Estatual de Planejamento Agrícola), e por isso, se encontrava naquela cidade. Neste município, enquanto promovia também campanha para conseguir gasolina e frete de uma canoa que me levaria até Hunaitá, contactei os comerciantes que já haviam anteriormente aviado os índios Kaxinawá daquela área.

Saimos de Tarauacá no dia 19 de agosto, conseguimos chegar dia 28 do mesmo, na colocação Sacado no Humaitá onde reside Vicente Saboia e mais 5 famílias Kaxi. Nesse percurso ao chegarmos no porto Rubinho barranqueiro e que segundo informações mantém relações de comércio com o sr. Manoel Baima, maior patrão seringalista da região, houve uma tentativa de impedir o prosseguimento da viagem sob a alegação de que o rio seco não permitiria passagem para canoa, e segundo informações de dona Ernestina que também nos acompanhava nesta viagem, tal tentativa de impedimento teria partido de ordens recebidas do sr. Baima neste sentido.

Encontramos este grupo como bichos acuados. Em um elevadíssimo nível de miséria e abandono. Fome. Desnutrição. Inúmeras doenças decorrentes da carência alimentar. Sua produção abaixo do nível de subsistência. Os roçados não são suficientes para abastecerem as famílias o ano todo. O medo, o pânico estava estampado no rosto de cada Kaxi.

Neste nosso primeiro contacto, confessamos que nos sentimos impotentes diante dos farrapos de gente. Ficamos algum tempo sem nada conseguir dizer, nos limitando somente a ver e ouvir com o gravador ligado o que Vicente colocava de maneira ansiosa e mostrando uma visão crítica bem clara de toda a problemática daquelas famílias Kaxi " Os patrões os cariú tudinho tão botando curto mermo nos caboclo, aí os coboclo tudo ficando cum medo, qui a Funai tá juntando índio para fazer guerra. Eu num vou nisso. Eu num tenho medo. Eu sei que essa terra toda é do índio foi aqui qui a gente nasceu, qui o governo já garantiu essa terra pra nois, mais meus parentes tão tudo cum medo, tão tudo querendo ir embora. Eu sei qui isso qui os patrão quer mermo. A maioria dos meus parentes não botou roçado esse ano, dize que vão sinbora. Num querem ficar pra não morrer. Tudo cum fome. Duença é muita. Eu e meus parentes quer mudar a situação".

Em pouco tempo Vicente nos colocou toda a situação dramática que estavam vivendo. Índios norrendo a mingua, numa luta cruel e desumana,

Compreendemos então que tínhamos pela frente, além do sistema de exploração e aneaça, um outro mecanismo usado pelos ditos patrões: eram os boatos, notícias forjadas e espalhadas no meio do povo. Um mecanismo muito forte, que os patrões estão usando, implantando assim o terror, com o objetivo de manter a dispersão dos Kaxi, levando-os ao desanino, a fome, as doenças e conseqüentemente ao extermínio total. E segundo depoimento dos próprios Kaxi, este meio de intinidação começou a aparecer depois que a FUNAI delimitou suas terras. E é Vicente que ainda fala sobre sua luta para unir seus patrícios: - " Fiz até um acordo com o Doca, gerente do sr. Baima, pra ver se pelo menos os qui num tava trabalhando no ocidente pro seu Manoel, ficava mermo cunigo. Pro Doca não vender nadinha pra eles e cum a borracha qui os meus parentes ne entregasse eu ia pagando as contas deles. Aqui acolá ele ne arrunava mercadoria qui tivesse faltando pra gente. Mais eu num tava gostando disso não. Ele só tava querendo borracha mermo. A mercadoria escasseando... aí ele expulsou meus parentes qui tavam trabalhando perto da colocação dele, disse qui tinha comprado aquelas terras, qui num queria mais caboclo preguiça ali não. Agora, eu sei, qui comprar ele não comprou não isso foi só pra correr com meus parentes mermo. Agora eu estou aqui, sozinho lutando cum eles. Meu barraco ainda num pude fazer, num botei roçado...

... até agora só andando atrás dos meus parentes".

Em virtude dessa dispersão que fala Vicente, decidimos convocar todas os Kaxi para um encontro na colocação Sacado, com o objetivo de participar nossa presença na área e discutir a melhor maneira de conduzir nosso trabalho. Conversamos sobre a escola, a farmácia, a compra e venda de mercadorias e a necessidade de produção de borracha para saldar os compromissos com as casas aviadoras de Tarauacá e com os "patrões" da região.

Ocorria que, o boato que a FUNAI havia mandado, gratuitamente as mercadorias, provocou um agravante na situação, qual seja, a de fortalecer a vinculação dos Kaxi com o "patrões", na medida em que eles não se sentiam obrigados a entregar a borracha a Vicente, pois supunham serem as tais mercadorias um presente da FUNAI.

A partir daí, Vicente começa conquistar a confiança de seus patricios e consegue com o sr. Baina, um acordo, no qual ficava acertado, daquele momento em diante os seringueiros Kaxinawá entregariam sua produção a Vicente com o compromisso de, com essa saldarem as dívidas que tinham nos serigais Ocidente e Boavista de propriedade do sr. Baina.

Para todos os seringueiros Kaxi, estava claro que a safra atual teria objetivo de sanar os compromissos já assumidos, e que só assim, poderiam partir sua produção "libertos do patrão", dentro de sua área delimitada.

III - ATIVIDADES DESENVOLVIDAS.

Nosso trabalho, nesses dois meses que permanecemos entre os índios Kaxinawá, foi bastante intenso e, efetivamente, conseguimos iniciar a alfabetização. Despertar a valorização de sua cultura, incentivando-os em trabalhos de artesanato e, suas tradições, através de rituais em que contam sua história.

Colocamos também em funcionamento a farmácia, orientando-os no uso dos remédios, pois encontramos inclusive índio tomando colírio como antitérmico. Paralelamente procurávamos incentivar sua medicina nativa.

Foi incentivado também sua agricultura, já que muitos não colocavam mais roçado : preparavam para abandonar a área.

IV - BAIKADA.

Dada a urgência de se adquirir mais mercadorias e tendo em vista, também os compromissos assumidos com as casas aviadoras por esta época, Vicente reúne sua pequena produção de borracha - 580 quilos aproximadamente - e se prepara para "baixar o rio" até a cidade de Tarauacá.

Apesar de consideramos nossa saída do campo ainda prenatura, pois a escola, nosso principal interesse apenas se iniciava, tivemos que acompanhar Vicente nessa viagem, pois os boatos fervilhavam, exigindo esclarecimentos urgentes. Corria de boca em boca que o gerente do Banco da Anazonia S/A, sr. José Ramos - irmão do sr. Rainundo Ramos,

...

...grande proprietário seringalista - iria tonar a borracha dos Kaxi quando estes chegassem a tarauacá; que havia uma denúncia, partindo do patrão Manoel Baina e do gerente do referido banco sr. José Ramos na qual nos acusavam de "invasão dos seringais do dito patrão"; que a "professora dos caboclos" seria presa em Tarauacá, pelo fiscal do Banco da Amazonia, sr. Rui Neto.

Em meio a essa trama de boatos saines do Humaitá no dia 30 de outubro, acompanhado por Raniro, pai de Vicente, e mais dois Kaxi.

V - CHEGADA EM TARAUACÁ.

Logo após nossa chegada em Tarauacá, novos boatos surgiram; que havia uma ordem de prisão para o antropólogo Terri Valle de Aquino, que sabiamos estava realizando um trabalho de pesquisa para a Secretária do Fomento. Isso comprometia também o nosso trabalho, já que, o referido antropólogo era o idealizador do projeto que desenvolviamos, junto aos índios Kaxinawá; outros boatos: que o gerente do Banco da Amazonia, sr. José Ramos proibia os comerciantes de comprarem a borracha dos Kaxi. A borracha só podia ser vendida para o sr. Manoel Baina. A borracha estava presa pelo gerente do Banco da Amazonia. Ordem de prisão para a "professora dos caboclos" em Rio Branco.

Não se deixando intimidar por tais boatos, Vicente percorre o comércio, afin de fazer um levantamento de preços da borracha. Isso provoca uma reação por parte do "patrão" sr. Manoel Baina que faz agora uma ameaça diretamente a Vicente; Se tentasse vender esta produção a qualquer outro comerciante o gerente do Banco da Amazonia sr. José Ramos, apreenderia a borracha.

VI - PARTICIPAÇÃO E OMISSÃO DA FUNAI.

Em virtude de tal situação Vicente decide vir até Rio Branco participar ao atual chefe da ajudança do Acre, sr. Afonso Segnário Moreira Silva, os últimos acontecimentos. Este sob a alegação de que a FUNAI só interveria se houvesse constatação de um conflito diz a Vicente que retorne a Tarauacá e resolva ele mesmo a questão.

Nesta oportunidade também Vicente havia solicitado a FUNAI, passagem para seu pai que se encontrava doente em Tarauacá e precisava ser removido para Rio Branco onde a FUNAI mantém uma casa para atender a esses casos. Nisso Vicente também não foi atendido dizia o sr. Afonso Segnário Moreira Silva, que a FUNAI não dispunha de verba para esse fim.

A não intervenção da FUNAI, fortaleceu os patrões que se sentiram com isto, livres para prosseguirem e intensificarem as pressões, pois os Kaxi se encontravam desamparados, inclusive pelo órgão encarregado de sua proteção.

VII - CONFLITOS.

Voltamos a Tarauacá e, tentando escapar do cerco das ameaças, procuramos o sr. Ludovico, administrador da Tarauacá Agropecuária S/A, o qual nos fez a seguinte proposta: deixaríamos a borracha depositada no armazém da referida firma, esperando melhor preço, e ele forneceria antecipadamente, a mercadoria, adiantando também uma certa quantidade em dinheiro para Vicente sanar suas dívidas com as outras...

...firmas. No que concordamos com tal proposta e, antes mesmo que fosse efetuada a transação, fomos convidados a comparecer perante o juiz para juntamente com os patrões, discutirmos a questão. Soubemos depois que essa iniciativa partiu dos patrões através do Sr. Augusto presidente do sindicato patronal, pois o juiz diante daquela situação se sentia incompetente para dar qualquer parecer neste sentido, já que confessou não ter conhecimento profundo da legislação do índio.

Compareceram a esse encontro os srs.: Augusto (presidente do sindicato patronal), Manoel Baina, Vicente Baina, Francisco Lessa, Vicente e Eu. Estes senhores diziam ter direito a produção dos Kaxi, alegando serem os proprietários dos seringais onde esses extraíam o látex, fugindo assim do acordo firmado anteriormente com Vicente, quando se encontravam ainda no Hunaitá, afirmavam que o Banco da Amazonia apreenderia a borracha se esta não fosse vendida a eles. Tentavam também impedir a subida de mercadorias compradas pelos Kaxi. Sentido-se coagido pelos patrões e seus representantes, e já bastante confuso com tantas discursões que não entendia muito bem Vicente concorda em vender ou melhor, entrega a produção pelo maior preço vigente na praça de Tarauacá, qual seja Cr\$ 33,50 o quilo. Em questão Manoel Baina ficou com toda a borracha já que não havia produção dos Kaxi - por falta de utensílios - no seringal do sr. Francisco Lessa, proprietário do seringal Boa Vista margem direita do rio Hunaitá. E ficou então assinada a dívida dos Kaxi com o sr. Manoel Baina.

Quanto ao sr. Francisco Lessa que ali estava também pressionando os índios, podemos afirmar pelas declarações feitas por este próprio patrão, quando ainda estávamos no Hunaitá, que o mesmo não "aviava" aqueles índios desde 1972 quando abandonou o seu seringal, afin de tratar outros interesses. E segundo podemos constatar, que o sr. Francisco Lessa, o qual afirma estar atualmente com o referido seringal financiado pelo Banco da Amazonia S/A - financiamento para custeio e reprodução - que o mesmo não está sendo articulado nenhuma atividade para o qual foi financiado. Este patrão não satisfeito com o desfecho da transação da borracha, ameaça Vicente de levá-lo preso para a delegacia de polícia daquele município. Ameaçava também de impedir que Vicente levasse mercadorias para os Kaxi.

Vicente, apesar de confuso, não se deixou intimidar por tais absurdos. Volta então ao sr. Ludovico e participa ao mesmo que não há mais borracha para ser depositada. Compreendendo a situação em que encontravam os Kaxi, o sr. Ludovico continua se propondo a fornecer as mercadorias que estes necessitassem, as quais seriam saldadas oportunamente.

VII - NOVO PERSONAGEM

Novas ameaças surgem. Desta vez pelo delegado de polícia, sr. Moacir Prado, que arbitrariamente tenta impedir que o gerente da Tarauacá Agropecuária S/A, sr. Raimundo Félix o qual estava incumbido de atender os Kaxi, dada a ausência do sr. Ludovico que naquele momento não se encontrava na cidade de Tarauacá, entregasse as mercadorias já compradas sob a alegação de ter recebido uma ordem da Secretária de Segurança do Estado do Acre, para averiguações, quanto a uma série de acusações que envolviam o antropólogo Terri Valle de Aquino. Argumentamos com o sr. Raimundo Félix que já se recusava a entregar as

... mercadorias, mostrando-lhe que o Delegado de Polícia, sr. Moacir Prado, não podia intervir sob as alegações apresentadas naquela transação comercial.

Por fim foi liberada as mercadorias dos Kaxi.

IX - EPÍLOGO

Voltamos então a Rio Branco no dia 23 de novembro, deixando Vicente e seus patricios prontos para o seu retorno ao Humaitá.

Dias após nossa chegada a Rio Branco, soubenos por intermédio da FUNAI que este órgão havia recebido um telefonema de Tarauacá comunicando que haviam tomado as mercadorias dos Kaxi.

Procuramos então o sr. Afonso Segnário Moreira Silva, Chefe da Ajudância da FUNAI no Estado do Acre, a fim de sabermos qual seria a participação deste órgão diante do fato, que era o resultado de um conflito bem claro e muito existente .

Senhor Afonso Segnário Moreira Silva decide então ir até Tarauacá em companhia de dois agentes da polícia federal. No que nos propusemos a acompanhá-los já que tínhamos todas as condições de informação da situação e que fomos impedidos sob alegação de que poderíamos comprometê-lo de estar sendo parcial em suas averiguações quanto aos direitos dos índios.

X - CONCLUSÃO.

Desta participação da FUNAI em Tarauacá segundo informações do próprio Chefe da Ajudância do Acre, nada de concreto foi feito em favor dos índios Kaxi, pois o sr. Afonso limitou-se com as informações recebidas de que as mercadorias ainda estavam para serem entregues aos índios e não tomadas como o mesmo havia sido informado. E quanto a isso temos provas concretas que deixamos estes índios prontos para seu retorno ao Humaitá com as ditas mercadorias.

Não sabemos de fato quem apreendeu estas mercadorias. Se foram devolvidas. Se os índios seguiram para Humaitá ou se permanecem ainda em Tarauacá.

Diante de situações como estas relatadas, sentimos a necessidade da urgência da demarcação desta área indígena e nela todas as condições que o índio também necessita para a sua sobrevivência.

De outra forma nossos índios continuarão à mercê das arbitrariedades, das omissões e conseqüentemente do seu fim .

FÉ EM DEUS E PÉ NA TERRA.

Rio Branco - AC, 12 de Dezembro de 1978.

DJACIRA MAIA DE OLIVEIRA

Rio Branco, 27 de setembro de 1.979

Companheiros,

A Comissão Pró-Índio do Acre tem como um de seus objetivos principais, dada à sua localização estratégica, desenvolver trabalhos de apoio junto às comunidades indígenas em seu próprio habitat. Tal objetivo encontra na FUNAI um primeiro e grave obstáculo, tendo em vista a existência de uma portaria que proíbe a entrada de pessoas estranhas em áreas indígenas, sem a autorização deste órgão. Essa autorização só pode ser fornecida pelo Presidente da FUNAI, implicando em todo um processo burocrático, que demanda tempo, além de colocar o nosso trabalho sempre dependente e sujeito à apreciação da mesma.

Denunciamos um fato ocorrido no dia 23/09/79, na área do Posto Indígena Camicuã, no município de Boca do Acre-Am, habitada pelo grupo Apurinã. Um membro da CPI-Ac, em visita àquela área, onde pretendia coletar informações sobre o grupo e fazer um levantamento de problemas e reivindicações daquele povo, juntando material para um documento que estamos elaborando sobre a situação indígena no Acre, foi grosseiramente expulsa da área pelo chefe substituto do Posto, Sr. Anacleto Antonio da Silva, o qual lhe intimou a abandonar imediatamente o local, não se prestando a ouvir qualquer esclarecimento, sob a alegação de falta de autorização escrita e assinada pelo Exmo Sr. Presidente da FUNAI. Mesmo contando já com a permissão do líder indígena, com quem já havíamos mantido contatos anteriores, e com o qual realizava uma entrevista no momento do confronto, o membro da Comissão teve seu trabalho interrompido de forma arrogante e arbitrária, caracterizando total desrespeito à liderança e autodeterminação do grupo Apurinã.

A nossa posição, diante desse fato, foi a de não aceitação dessa imposição da FUNAI, denunciando e repudiando a atitude do chefe do Posto através da imprensa e de documento enviado à Ajudância do órgão no Acre.

Contamos com o apoio e posicionamento dos companheiros para que possamos, juntos, combater a forma arbitrária e prepotente que vem caracterizando a atuação da FUNAI.

Pela autodeterminação dos povos indígenas!

COMISSÃO PRÓ-ÍNDIO DO ACRE

P.S.-Pedimos colaboração no sentido de divulgar o texto que segue em anexo.

COMISSÃO PRÓ-ÍNDIO SP

10-10-79 *PM*

ÍNDIOS E COLONOS: A LUTA PELA TERRA

Dos 210 mil índios ainda existentes no Brasil, 10 mil estão localizados no Estado do Acre, representando mais de 30% da população acreana. Kaxinawá, Jaminawa, Marinaua, Nuquini, Foiçnawa, Yamanawa, Kulina, Manchineri, Apurinã, Jamamadi, Kampø e Kaxerari. Encontram-se espalhados ao longo dos rios Taraucá, Jordão, Humaitá, Purus, Enviro, Juruá, Iaco, Breu, Tejo e outros, e ainda dispersos pelas Rodovias que cortam nosso Estado; como a BR 317 (Rio Branco /Boca do Acre) e BR 364 (Rio Branco /Porto Velho).

Estes índios estão seriamente ameaçados de desaparecerem, pois a única maneira de assegurar sua sobrevivência física e cultural, é garantindo-lhes as terras que ocupam; é devolvendo-lhes as terras que lhes foram roubadas; é permitindo que eles próprios encontrem o caminho de sua preservação; é respeitando-lhes a sua soberania como povo.

Para isso, era necessário que a Fundação Nacional do Índio (FUNAI) assumisse, definitivamente, o seu papel na defesa do índio, demarcando todas as áreas indígenas, como ordena a Lei 6001 de 19/12/73 da Constituição Federal.

Os índios do Acre, assim como os colonos, seringueiros e posseiros vêm suas terras invadidas pelas Empresas Capitalistas, aqui representadas pelos chamados "paulistas". São os grandes fazendeiros, os multinacionais que, apoiados por projetos de colonização, roubam as terras dos trabalhadores, tirando-lhes o único meio de produção, para, depois, transformá-los em mão-de-obra barata.

O povo acreano deve assumir o comando de sua história. Não podemos assistir passivamente a expulsão do homem do campo, a transformação de nossas matas em pastagens, a destruição de nossas riquezas naturais; não podemos permitir a exterminação das Nações Indígenas que habitam nosso Estado, para beneficiar grupos estrangeiros e aventureiros em busca de grandes lucros.

Devemos compreender que no nosso Estado, como em todo Brasil, existe uma divisão não entre brancos e índios ou brancos e pretos, mas, sim, entre exploradores e explorados; entre os que detêm os meios de produção e os que contam apenas com sua força de trabalho. Por isso a luta do índio é a luta do colono, do seringueiro, do posseiro e de todos os marginalizados que habitam a periferia das cidades.

A luta do índio do Acre, especificamente, também é a luta do povo brasileiro em defesa da Amazonia, contra o projeto de Exploração Florestal da Amazonia o /"Pacote Florestal", proposto pelo governo.

Conclamamos toda a população acreana para participar, no dia 19 de abril - Dia do Índio, na esplanada do Palácio Rio Branco, de um

Ato Público:

Pela urgente demarcação das terras indígenas do Acre

Pela sobrevivência das 13 Nações Indígenas do Acre

Contra a exploração do homem do campo

Terra para quem nela trabalha

Contra a devastação da Amazonia

Contra o "Pacote Florestal"

Pelas liberdades democráticas

COMISSÃO PRÓ-ÍNDIO DO ACRE

CIMI (CONSELHO INDIGENISTA MISSIONÁRIO)

MOVIMENTO DE DEFESA DO MEIO AMBIENTE